

**Antropologia das Relações de Poder**  
**Subjetividade e Verdade**  
**Prof. Jorge Mattar Villela**  
**2019/01**

**Programa**

Este curso é o trecho final, ou mais recente, de um percurso iniciado há uma década quando, junto com algumas alunas e alunos do grupo de pesquisa “Hybris, relações de poder, conflitos e socialidades”, coordenado pela profa. Ana Claudia Marques (PPGAS-USP) e por mim, desencadeamos uma investigação da obra do filósofo Michel Foucault a partir de seus cursos ministrados no Collège de France de 1970 a 1984. A ideia, após a realização de alguns cursos cuja atenção havia sido dedicada a alguns de seus livros (*As Palavras e as Coisas*; *Arqueologia do Saber*; *Vigiar e Punir* e os três volumes até então publicados da *História da Sexualidade*), era verificar a construção de seus conceitos fundamentais e de seu itinerário argumentativo em direção aos livros escritos a partir da década de 1970.

Assim, com intervalo médio de dois anos, foram estudados os cursos entre 1970 e 1975, para o estabelecimento de uma arqueologia (para usar um conceito então quase relegado a segundo plano por Foucault) do livro *Vigiar e Punir* (1975), talvez a mais célebre de suas obras, chegando a obscurecer o brilho de *As Palavras e as Coisas*. Posteriormente, estudamos o intervalo entre 1976 e 1979, verificando uma transformação dupla no pensamento de Foucault.

Essas transformações são cruciais para a compreensão deste curso nosso. Muito esquematicamente, é possível dizer-se que na primeira metade na década de 1970 Foucault dedicou-se ao estudo do que ele chamou retrospectivamente de “anatomopolítica”, quer dizer, à atenção aos corpos e às almas submetidas a um determinado regime de forças que se celebrizou com o nome de “poder disciplinar”. Por outras palavras, sua atenção concentrou-se na formação do “corpo máquina”, formulado a partir e uma certa tecnologia de poder heterogênea (ainda que passível de homogeneização e generalização) inventada por necessidades muito específicas e tópicos cujo efeito foi o de estabelecer com as multiplicidades humanas uma relação analítica na produção de um tipo específico de indivíduo e um tipo de específico de sujeito: o sujeito moderno.

Na segunda metade da mesma década o interesse de Foucault sofre uma inflexão, quer dizer, uma ruptura eivada de continuidades. Rupturas e continuidades, de resto, formam um dos pontos fulcrais da originalidade de sua obra, tema central para o nosso curso. Seu interesse faz derivar o enquadramento das relações de poder para as capacidades “de governo dos homens”, aprofundando uma definição já existente, segundo a qual o poder se exerce provocando uma ação sobre outra ação, sobre outra vontade. Governar é precisamente esse ato, mas, agora, não mais apenas criando um “corpo máquina” que é uma capacidade, não mais acumulando os corpos necessários para a acumulação do capital, conforme defendeu em *Vigiar e Punir* (1975). Não mais o poder como analítica, mas o poder como síntese. Não mais inventando elementos a partir de um todo, mas reconstituindo um todo a partir de seus elementos. A partir daquele momento, Foucault se dedica a pensar o modo como o Estado tornou-se objeto de pensamento e reflexão, a emergência de uma filosofia do Estado a partir do século XVI que não pararia de se aperfeiçoar nos próximos 300 anos. A esse processo Foucault deu o nome de Governamentalidade. A partir de agora, a constituição histórica com que Foucault preocupa em descrever e demonstrar é não mais a do “corpo máquina”, mas a do “corpo espécie”, objeto de fabricação e manutenção não mais da “anatomopolítica (ainda que componha constantemente com suas normas, estatutos e regimentos), mas de uma “biopolítica” (seus saberes específicos que são as estatísticas, as intervenções urbanísticas, sanitárias, etc.) que tem como alvo a vida e como meio de intervenção a sua principal invenção: a população.

*Omnis et Singulatis*, o governo que pretende cuidar de todos e de cada um, esse interesse conduziu Foucault até uma prática de longuíssima duração: o “poder pastoral”. As práticas, uma filosofia hipermaterialista, quer dizer, a genealogia, foram a grande força de atração do seu pensamento. Não se pode dizer que se tratou de uma descoberta dessa segunda metade dos 70, mas ali se pode reconhecer uma mudança de ênfase. O poder pastoral atraiu Foucault para um recuo na circunscrição cronológica de suas pesquisas até os primeiros séculos da era cristã. Poder pastoral cujas características ele pôde reconhecer a descrever nas práticas de Estado a partir do século XVIII (vale sublinhar que a cronologia foucauldiana é quasi-propositalmente imprecisa).

Em meio a essa continuidade das problematizações no pensamento de Foucault instala-se uma ruptura e nela inicia-se o nosso curso, no que Foucault ministrou em 1980-81, intitulado *O Governo dos Vivos*. Esse era o projeto inicial desenhado em 1979 que se transformou num curso a respeito do modo como, nos

primeiros séculos da era cristã, o exercício do poder se deu a partir da expressão da verdade de si mesmo, de uma modalidade específica da manifestação de verdade cujas condições passam a coincidir com a exortação a dizer a verdade de si. Muito esquematicamente, pode-se dizer que Foucault se dedicou a estudar isso: requerer a verdade de si coincide a partir de então com uma modalidade de exercício do governo das almas e dos corpos. Como efeito, um novo tipo de sujeito cuja história apenas começava a se esboçar, cujas transformações imprevisíveis vão desembocar na fabricação do sujeito moderno.

O passo seguinte de Foucault será o recuo ainda mais profundo em busca de uma outra forma de subjetivação – a produção de sujeito foi a linha que Foucault encontrou retrospectivamente para costurar todo o seu trabalho, desde 1961 a 1984, ano de sua morte. A essa forma de subjetivação, encontrada a partir do século V AC, aproximadamente, Foucault dará o nome de “estética da existência”. Continuidade no projeto que se estabelece em 1980, das relações entre subjetividade e verdade, ruptura nas ênfases do estudo, voltados agora para a antiguidade clássica e suas relações específicas entre subjetividade e verdade (ainda que, com outros objetivos, a Grécia tenha sido o objeto de suas pesquisas de e de seu curso de 1970). A esse tema serão dedicados os cursos de 1982 em diante, até, às portas da morte, o curso *A Coragem de Verdade*, ministrado entre 1º de fevereiro e 28 de março de 1984. 25 de junho de 1984, a data da morte de Michel Foucault.

Dirigindo-se ao passado, sabe-se bem, a preocupação de Michel Foucault sempre foi o presente, o atual, como ele preferia chamar. Sabe-se igualmente muito bem como se apoiou num breve texto do filósofo Emmanuel Kant para manter-se como filósofo atento à seguinte questão: o que é isso que é o tempo em que vivemos? O método foucauldiano, no entanto, o arrastou sempre para o passado. Olhar o passado, essa uma das grandes originalidades de sua obra, sem periodizar; efetuar, como filósofo, pesquisa histórica sem dobrar-se à filosofia da história; fazer arqueologia e genealogia dos conceitos filosóficos, políticos, jurídicos e científicos sem conceder à epistemologia ou à filosofia e sequer à história das ciências. Olhar o passado para responder à pergunta: afinal, como é que nós nos tornamos o que somos hoje? Quais foram as relações de forças cujos resultados, imprevisíveis, mas descritível analiticamente em suas peças, nos trouxeram a essa situação que é a nossa?

Aqui começa o problema específico do nosso curso. Porque não se trata de estudar a obra de um pensador, apenas, ou sobretudo. O interesse mais geral desse

curso é verificar o que uma obra como essa pode fazer por nós, muito concretamente, nessa época que é a nossa. O interesse mais específico, como curso de antropologia que é o nosso (esse é um aspecto indispensável para que se compreenda o que vai acontecer neste semestre: ele não é uma disciplina de filosofia, é um curso de Antropologia das Relações de Poder), é a possibilidade aberta de verificação de o que pode a antropologia e de que ela serve nos dias que atravessamos e nos dias que virão a seguir.

Dois pontos, esse respeito, para finalizar a apresentação deste curso. Um deles, sobre a nossa atualidade; o outro atinente ao que pode servir a antropologia nessa época que é a nossa. Em primeiro lugar, vivemos numa época em que esse interesse que alinhava toda a obra de Foucault (e o cujo cerne mesmo encontra-se nesse que se chamou de “o último Foucault”), o dos modos de subjetivação, sofreram uma reformulação acelerante e assustadora. O que se pode dizer da formação de sujeitos atualmente? Que forças são as que articulam suas estratégias visando a formação de um sujeito simultaneamente trabalhador e consumidor? A Google, A Amazon, o Facebook, A Apple (GAFA)? Modos de existência, para usar a antiga formulação do próprio Foucault dos anos 1960, baseiam-se antes no silício que no carbono?

O problema mais geral deste curso, portanto, e que justifica a escolha dos anos 1980 para estudar a constituição (e abandono) de alguns dos conceitos da obra de Michel Foucault, é esse: como constituirmos nossas subjetividades escapando da maior armadilha que a humanidade montou para si mesma em toda a sua história? Como escapar a um modo de vida servil, quasi-mineralizado em um ecossistema mental, ambiental, político que é o deixado pelas ruínas do capitalismo? Verificaremos em que a leitura dos cursos, a análise descritiva, as demonstrações de Foucault podem nos ajudar a pensar o tempo que é o nosso.

Segundo ponto, que diz respeito a atividade que assumimos como área de atuação que é a antropologia. Como, a partir das reflexões de Foucault, de sua etnografia do presente desde questões muito antigas, mas que, como ele mesmo enfatiza para justificar o isolamento de algumas delas, tiveram um legado de longuíssima duração, pode-se mobilizar o que a antropologia dispõe como método e teoria para lidar política e existencialmente com o que teremos de enfrentar doravante? Segundo me parece, por dois meios principais, ambos foucauldianos.

O primeiro deles é esperar sempre pelo pior. Tivéssemos esperado pelo pior há 150 ou 200 anos, não tivéssemos levado a sério os discursos triunfalistas

decorrentes do modo de produção burguês decerto teríamos inventado diversos remédios e antídotos contra sua feitiçaria, para usar o conceito de Isabelle Stengers e Philippe Pignarre. Portanto, primeira providência, encontrar nas etnografias produzidas no ambiente propriamente antropológico o saber das gentes que, bem acostumadas, diante dos avanços desavergonhados do capitalismo espera sempre pelo pior e a partir dessa posição inventa métodos de os combater. De resto, veremos ao longo do curso, pensar no pior que nos pode acontecer era um desses exercícios, dessas *askesis*, que Foucault irá encontrar nos filósofos da antiguidade que trabalharam para fazer de suas vidas obras de arte, uma estilização da existência.

Em seguida, ligado fortemente a esse ponto, as etnografias nos ensinam, ou deveriam ensinar, a prestar atenção no que dizem, o que pensam e como vivem as gentes que estão em desacordo e cujas vidas têm sido destruídas, transformadas em ruínas, pelos avanços do capitalismo em sua marcha imperial rumo ao abismo, garantida por um discurso científico derivado da economia do conhecimento, desenvolvimento e inovação. Aqui, mais uma vez, e para encerrar essa introdução ao curso deste semestre, insere-se mais um conceito de Foucault, a saber, a reformulação elaborada nos últimos anos de sua vida da noção de “regime de verdade (que aparece sob outros aspectos de método em 1975 e depois grafada como “regimes de veridicção” em 1978). Conceito que, tal como o apresenta Foucault, é capaz, mais que de romper, de ignorar as grandes divisões seculares entre ciência e representação, ciência e ideologia, ciência e crença, etc.

Teremos muito menos tempo que o necessário para estudarmos todas as aulas de todos os cursos. Por esse motivo, após a bibliografia do curso, aparece a seleção das aulas. Essas são as leituras obrigatórias, mas é recomendado que, na medida do possível, o maior número delas seja lido ao longo do semestre letivo.

### ***Bibliografia Obrigatória***

*Du Gouvernement des Vivants – Cours au Collège de France, 1979-1980.* Paris: Gallimard. 2012.

*L’Hermeuneutique du Sujet - Cours au Collège de France, 1981-82.* Paris: Gallimard. 2001.

*Le Gouvernement de Soi et des Autres. Cours au Collège de France, 1982-83.* Paris: Gallimard. 2008.

*La Courage de Vérité. Le Gouvernement de Soi et des Autres II - Cours au Collège de France, 1984.* Paris: Gallimard. 2009.

Todos os cursos foram traduzidos e publicados pela editora Martins Fontes. Por conta de alguns problemas de tradução, no entanto, é recomendado, sempre que possível, a leitura ou a comparação com os textos no original em francês. Salvo pelo *Governo dos Vivos*, todos os cursos, em francês e em português, fazem parte do acervo da BCo.

## **Cronograma**

**14/15-03**

**Apresentação do Curso**

**21/22-03- Le Gouvernement des Vivants**

Aulas de 9/01; 16/01; 22/01

**29/30-03**

13/02; 20/02; 12/04;

**4/5-04**

19/04; 26/04

**11/12-04 L'Hermeneutique du Sujet**

06/01; 13/01

**18/19-04 – Semana Santa**

**25/26-04**

20/01; 27/01; 10/02

**2/3-05**

03/03; 24/03

**9/10-05 – React**

**16/17-05 Le Gouvernement de Soi et des Autres I**

05/01; 12/01

**23/24-05**

02/02; 23/02; 09/03

**30-31/05 Le Courage de Vérité. Le gouvernement de soi et des autres II**

1/02; 08/02; 15/02

**6/7 – Seminário de Antropologia da Política - UFMA**

**13/14-06**

07/03; 28/03